



A CRIANÇA E SUAS IMAGENS

Anelise Zimmermann

Departamento de Design/UDESC

Resumo

Este artigo pretende apresentar e analisar relações existentes entre as imagens produzidas pela criança, ou seja, seus desenhos, compreendendo também sua percepção de mundo; e as imagens produzidas pelo adulto para este público, representadas pelas ilustrações de livros infantis. Para tanto foram utilizados como fundamento teórico os estudos de Luquet (1969), Cox (1995) e Arnheim (1997) sobre o desenho da criança, além das idéias de Benjamin (1984) sobre a criança e os livros infantis. A partir das análises feitas considera-se importante ao profissional envolvido em atividades de produção de imagens com ou para crianças, bem como na leitura de imagens, a identificação de estereótipos e o respeito à percepção infantil.

Palavras-chave: imagens, livro infantil, desenho infantil, criança.

A imagem da criança

A expressão “a imagem da criança” pode suscitar uma interessante polissemia aqui enfatizada propositalmente. Ela pode se referir à imagem que se tem da criança, geralmente elaborada por adultos e sua compreensão da infância¹. Outra possibilidade é referir-se às imagens produzidas pela criança, seu entendimento do mundo e do ambiente que a cerca, manifestado, muitas vezes na forma de desenhos. Por fim, pode ainda se referir às imagens produzidas para a criança, como por exemplo as ilustrações de livros infantis, gibis, cartilhas escolares, desenhos animados, filmes, entre outras; imagens

¹ Ariès, em sua obra *História social da criança e da família* (1981) nos mostra as diferentes interpretações da infância através dos tempos e suas relações com as transformações na sociedade, economia e cultura.

estas construídas por adultos a partir de seu entendimento da percepção infantil.

Estas três possibilidades muitas vezes aparecem entrelaçadas, numa busca do adulto em estabelecer um diálogo com a criança, de forma a se fazer compreensível, atrair a sua atenção e despertar seu interesse. Entretanto, Benjamin (1984, p. 50), falando sobre os livros infantis, nos chama a atenção para o fato de que "a criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não 'infantil'. Muito menos aquilo que o adulto concebe por tal" (1984, p. 50). O autor ainda acrescenta: "o gesto adocicado, que corresponde não à criança, mas às concepções distorcidas que se têm dela, sente-se a gosto nessas ilustrações. O formato perde a nobre descrição e torna-se incômodo" (ibid, p.53). Nesse caso, ao invés de uma aproximação com a criança, corre-se o risco de afastá-la, dificultando ainda mais um entendimento com esse público.

Esse artigo irá focar principalmente nas ilustrações de livros infantis e suas relações com o desenho da criança, destacando semelhanças, propositais ou não, e buscando estabelecer uma relação entre a percepção do adulto e a da criança.

A imagem da criança: as ilustrações de livros infantis

Os primeiros exemplos de livros infantis aparecem no século XVII e desde então foram inúmeras as técnicas e estilos empregados nas ilustrações, acompanhando as mudanças da sociedade e o conceito de infância em diferentes períodos históricos. Inicialmente as ilustrações se caracterizam, em sua grande maioria, por seu aspecto realista, riqueza de detalhes e caráter moralista. Aos poucos foi sendo incorporado o humor, e os traços, bem mais sintéticos, ganharam leveza e movimento. Atualmente, destaca-se no mercado editorial, entre muitas outras, ilustrações com a presença de aspectos característicos de desenhos produzidos por crianças, seja pela estrutura, composição ou paleta cromática. A seguir, serão apresentados e analisados alguns exemplos, produzidos por diferentes ilustradores. Para essa análise

serão tomados como base os estudos referentes ao desenho e percepção infantil desenvolvidos por Luquet (1913 e 1927), Cox (1995) e Arnheim (1997).

A história da Ameba (DUNCAN e STRINGLE, 2004)

As ilustrações desse livro possuem diversos aspectos frequentemente presentes no desenho infantil. Na ilustração da página 06 (Figura 01), por exemplo, a imagem da "ameba" e do "lago" são acompanhadas pelas suas descrições, ou seja, as palavras aparecem ao lado dos dois elementos, direcionadas por setas.

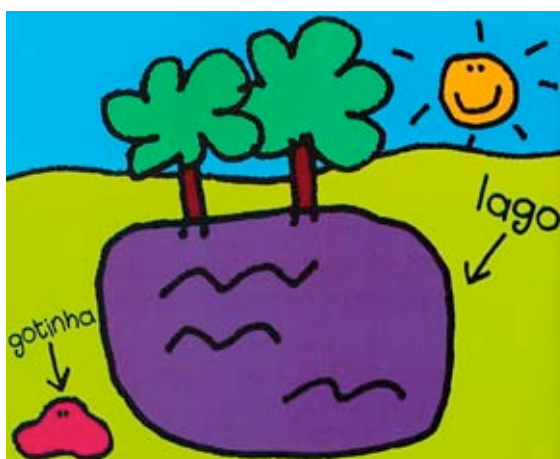


Figura 01 - Página do livro *A História da Ameba*²

Para Luquet (1969), a presença da legenda no desenho infantil pode se dar por diferentes motivos e aparece já desde bem cedo, mesmo quando a criança ainda não sabe escrever e o faz com rabiscos, imitando algum tipo de alfabeto. Segundo ele, a criança pode fazê-lo como forma de identificar a figura quando, por exemplo, escreve ao lado de um boneco a palavra "papai". Esse fato também pode ocorrer por influência de livros com ilustrações didáticas, nos quais este recurso é bastante empregado. Para Luquet (ibid), entretanto, a razão principal da sua ocorrência, deve-se ao fato de que, talvez, a criança entenda a legenda como parte das características representativas da figura, ou seja, mais um elemento compositivo.

² Figura 01 - Página do livro *A história da Ameba*. Fonte: ROBB, J.; STRINGLE, B. 2004, p. 06

No caso da ilustração do livro mencionado, parece que a legenda foi empregada como forma de evitar equívocos na compreensão do desenho, principalmente no caso da ameba, por esta não ser uma figura de conhecimento geral; até mesmo por não possuir nem forma ou cor característica. Já no caso do lago, provavelmente a legenda apareça em função da forma como este foi representando, seguindo outro aspecto do desenho infantil em determinadas fases do desenvolvimento da criança: a planificação.

Através desse recurso alguns elementos do desenho são projetados ao solo em contrapartida a outras figuras, gerando uma mistura de posições de visão do observador. Essa forma de representação é empregada nos mais variados tipos de elementos, como em interiores de casas, objetos diversos, animais e desenhos detalhados. Luquet (1969) atribuiu a esse fenômeno o nome de "mudança de ponto de vista", através do qual, para cada elemento em um mesmo desenho, a criança utiliza diferentes ângulos, considerando o que lhe parece mais característico. Com isso, consegue a reprodução de todos os detalhes, que para ela, são indispensáveis; como por exemplo, as quatro pernas de um animal ou todos os membros do corpo de uma pessoa, mesmo quando em posições nas quais isso não seria possível.

Comparando a ilustração do livro *A História da Ameba* (Figura 01) ao exemplo apresentado por Luquet (1969, p. 118) (Figura 02), encontramos uma grande semelhança no que diz respeito às características citadas acima: as árvores aparecem no sentido vertical, enquanto que o lago encontra-se planificado.

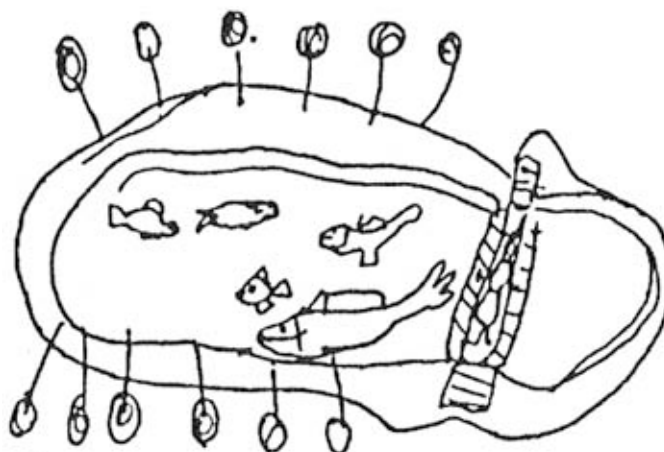


Figura 02 - Desenho feito por Simone³

No caso da imagem do lago presente na ilustração do livro, o ilustrador, considerou importante o auxílio da legenda, que talvez não fosse necessária se junto ao lago estivessem outros elementos que pudessem caracterizá-lo, como os peixes que aparecem no *lago* do desenho de *Simonne*.

Além dessas características citadas, que aproximam a ilustração ao desenho infantil, também se destaca outra no que se refere ao emprego das cores. Sobre esse assunto, Luquet (1969) destinou um capítulo inteiro de seu livro, pois segundo ele, são diversas as opiniões sobre o tema. Luquet (ibid) classifica os desenhos quanto aos temas como: individualizados ou genéricos. No primeiro caso, é freqüente o uso da cor como aspecto decorativo. Já no segundo, a cor é considerada parte integrante do elemento representado e cita como exemplo os elementos água e céu, que geralmente aparecem pintados de azul; e árvores, freqüentemente coloridas de verde. Além disso, de acordo com Arnheim (1997), a criança ainda em idades menores não emprega diferentes tonalidades em um mesmo elemento, valendo-se apenas do tom que lhe parecer mais representativo. A cor escolhida é "um equivalente que representa as características significativas do modelo com os recursos de um meio particular" (ARNHEIM, ibid, p. 159).

Assim sendo, analisando a Figura 01, percebe-se o emprego das cores sem variação de tons e o caráter genérico conferido aos elementos árvore,

³ Figura 02 - Desenho feito por Simone L. francesa, 7 anos e 3 meses. Fonte: LUQUET, 1969, p. 118

lago, céu, grama e sol, seguindo os padrões cromáticos que geralmente lhes são atribuídos.

A História do Morcego (DUNCAN e STRINGLE, 2003)

O que chama a atenção nesse livro é a constante repetição de formas para indicar personagens diferentes, sendo que a individualização dos mesmos é feita por pequenos detalhes. É o caso da página 22 (Figura 03), na qual aparecem um menino e uma menina representados exatamente iguais, inclusive na mesma posição; sendo que o único elemento diferenciador é o formato do cabelo.



Figura 03 - Página do livro *A história do Morcego*⁴

Essa característica, bastante presente no desenho infantil, através da qual a diferenciação de sexos é feita através de pormenores, é explicada por Luquet (1696) como uma repetição de mesmos "tipos"⁵, com a adição de detalhes; que estão relacionados à "importância relativa atribuída pela criança aos diversos elementos de um objeto" (ibid, p. 94). Esta importância está diretamente relacionada à função que o elemento possui para a criança. Assim sendo, em um dos exemplos dados por Luquet, a caracterização do homem e da mulher pelas crianças em seus desenhos é dada pelo "cachimbo para os

⁴ Figura 03 - Ilustração do livro *A história do Morcego*. Fonte: ROBB, J.;STRINGLE, B., 2003, p. 22

⁵ "Representação que uma determinada criança dá de um mesmo objecto ou motivo através da sucessão dos seus desenhos" (LUQUET, 1969, p.57)

senhores, um penteado especial para as senhoras e um trança para as raparigas" (ibid, p. 94).

O Circo Catástrofe (CHAUD, 2001)

De um modo geral, uma característica básica de ilustrações de livros infantis é a presença do recurso que Luquet chama de "narração gráfica" ou seja, "um espetáculo em que certos elementos se mudam e outros continuam fixos, por outras palavras, em que os momentos sucessivos têm entre si uma relação de continuidade" (LUQUET, 1969, p. 195-196).

As formas mais simples desse recurso e mais comumente empregadas por crianças são as narrações do "tipo simbólico" (LUQUET, ibid.), ou seja, apenas uma imagem é escolhida para representar toda uma história; e as do "tipo epinal", através das quais as cenas são divididas em quadros sucessivos, característica das históricas em quadrinhos.

Entretanto, Luquet apresenta ainda uma terceira forma que, segundo ele, não é admitida pela "nossa estética de adultos" (ibid, p. 198): o chamado "tipo sucessivo". Ele ainda o subdivide em duas formas:

- Tipo sucessivo - variedade na repetição: caracteriza-se por apresentar elementos imutáveis e únicos e elementos que se repetem; geralmente marcados por personagens principais, representando ações, movimentos ou cenas diferentes;

- Tipo sucessivo - variedade sem repetição: é marcado pela presença de várias ações sucessivas em uma mesma cena, entretanto, sem a repetição de elementos.

Essa primeira classificação do *tipo sucessivo* é utilizada diversas vezes no livro *O circo catástrofe* (CHAUD, 2001), como nas páginas 38 e 39 (Figura 04), nas quais *Malu*, a personagem principal, aparece caindo de uma cadeira onde fazia um número de malabarismo com pratos e, na mesma cena, aparece pendurando-se na luminária, balançando até sair voando, para então cair no chão. Nessa imagem, a personagem *Malu* aparece quatro vezes, ao passo que

seu cachorro, que está assistindo a todo o episódio, só é apresentando uma vez.



Figura 04 - Páginas do livro *O circo catástrofe*⁶

Comparando a ilustração citada acima aos exemplos dados por Luquet (1969), encontramos o desenho de um menino de 10 anos, no qual conta a história do *Barba-Azul*, representando o mesmo em três situações diferentes, repetindo também as imagens de outros personagens⁷ (Figura 05).



Figura 05 - Desenho da história do *Barba-Azul* feito por uma criança⁸

⁶ Fonte: CHAUD, Benjamin. *O circo catástrofe*, 2001, p. 38-39.

⁷ Descrição apresentada por Luquet (1969).

⁸ Figura 07 - Desenho da História do *Barba-Azul*⁸ feito por um menino de 8 anos. Fonte: LUQUET, 1969, p. 201

Como Viver para Sempre (THOMPSON, 1997)

Thompson (1997), nesse livro, no qual conta sobre a procura de um menino por um livro mágico através do qual seria possível nunca envelhecer, se vale diversas vezes de um recurso comumente presente no desenho infantil que muitos autores chamam de "visão raio x" ou "transparência". Na página 09 (Figura 06), por exemplo, diversos livros são mostrados lado a lado, como se estivessem na prateleira de uma biblioteca. Em um deles, entretanto, é possível ver o que se passa em seu interior, como se fosse um edifício cortado ao meio. Em cada andar, uma cena diferente acontece, mostrando as diversas histórias presentes em um mesmo livro.

Esse recurso é bastante empregado por crianças, aparecendo frequentemente em cenas envolvendo casas, nas quais é possível se ver os personagens através das paredes (Figura 07).

Para Luquet (1969, p. 167), esse é um recurso utilizado como forma de atribuir destaque a determinados elementos que, a princípio, deveriam estar ocultos; como partes internas do corpo, as raízes de uma árvore e móveis dentro de edifícios. Cox também defende que estes "não são equívocos, mas sim representações intencionais análogas a seções transversais" (1995, p. 145) e geralmente partem de uma relação estrutural.



Figura 06 - Página do livro *Como viver para sempre*⁹

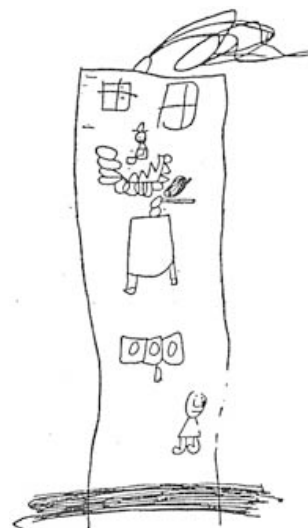


Figura 07 - Desenho feito por Jean L.¹⁰

Portanto, se considerarmos que, para a criança, o recurso da "transparência" é válido como forma de representar determinadas cenas sem lhe causar estranhamento, é provável que, da mesma forma, ela seja capaz de compreendê-los no desenho alheio.

***I will not ever never eat a tomato* (CHILD, 2000)**

Uma das características dos personagens ilustrados nesse livro é o constante desenho dos mesmos na posição frontal. Existem apenas pequenas variações na posição do corpo e no ângulo do rosto, mas percebe-se claramente a predileção da ilustradora pela representação dos personagens vistos de frente (Figura 08).

⁹ Figura 06: Fonte: THOMPSON, Colin. *Como viver para sempre*, 1997, p. 09

¹⁰ Figura 07: Desenho de um edifício feito por Jean L., um menino de 6 anos e 4 meses. Fonte: LUQUET, 1969, p. 169

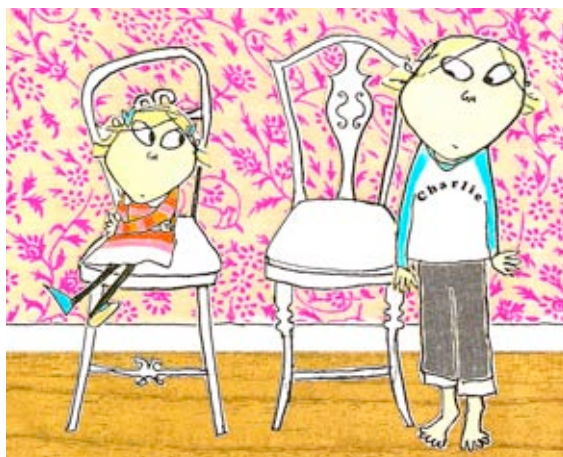


Figura 08 - Página do livro *I will not ever never eat a tomato*¹¹

Para Luquet, essa é uma característica bastante comum no desenho infantil, pois permite à criança desenhar todos os detalhes que considera importante, por exemplo, na caracterização dos seres humanos, como os dois olhos. Assim sendo:

A criança escolhe espontaneamente e com uma regularidade impressionante o que distingue melhor o objecto considerado entre todos, quer pela sua forma de conjunto, quer pelos pormenores que oferece à vista. Assim, os desenhos de animais são normalmente de perfil. Pelo contrário, as personagens são durante muito tempo representadas exclusivamente de frente (LUQUET, 1969, p.103-104).

Quentin Blake's ABC (BLAKE, 2002)

Uma característica marcante das ilustrações desse livro é a presença do movimento, fazendo com que os personagens vibrem, criando expectativas ao leitor, como na imagem que se encontra na capa (Figura 09). Para Arnheim (1997, p. 178) "o movimento é de importância tão vital para a criança que ela tem grande prazer em fazer com que as coisas se movimentem visivelmente em seus desenhos". Através de suas observações, Arnheim (ibid) menciona que, primeiramente, a criança trabalha com ângulos retos, pois lhe parecem

¹¹ Figuras 09: Ilustração do livro *I will not ever never eat a tomato*. Fonte: CHILD, 2000, p. 03.

mais simples e compreensíveis. Com o tempo, porém, esta passa a perceber a diferença entre objetos em movimento ou estáticos e tende então a buscar diferentes ângulos, ou seja, formas oblíquas, sugerindo movimento, como podemos observar na Figura 10. Assim sendo "as relações oblíquas são aplicadas gradualmente a tudo que a criança desenha. Elas ajudam a tornar sua representação mais rica, mais vívida, mais verossímil e mais específica" (ibid, p. 178).



Figura 09: Página do livro *Quentin Blake's ABC*¹²

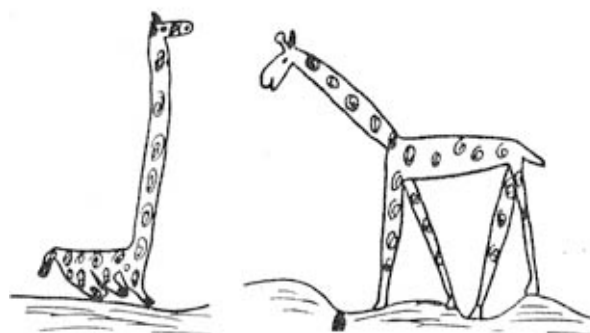


Figura 10 - Desenhos feitos por uma criança¹³

Considerações Finais

Buscar entender o desenho da criança pode ser também uma forma de se entender a própria criança, assim como a maneira como esta entende o mundo que a cerca. Estas informações podem auxiliar no estabelecimento de um diálogo. A simples imitação da criança, seja pela forma como esta desenha ou se comporta, pode gerar as "concepções distorcidas" das quais nos fala Benjamin (1984, p. 50), caindo-se nos "gestos adocicados" e estereótipos antigos que, muitas vezes, subestimam a capacidade infantil. Como nos

¹² Figura 09: Ilustração do livro *Quentin Blake's ABC*. Fonte: BLAKE, 2002, p. capa

¹³ Figura 10: Dois desenhos feitos pela mesma criança, com um ano de diferença, que indicam a adição de movimento à figura da girafa através da adição de ângulos oblíquos. Fonte: LUQUET, 1969, p. 169.

lembra o mesmo autor "a criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não 'infantil' (ibid.).

Como observado, Luquet nos mostra que a percepção da criança, em muitos casos é capaz de ir muito além de "nossa estética de adultos" (LUQUET, 1969, p. 198), como por exemplo, no caso do emprego, em seus desenhos, de narrações do "tipo sucessivo". Recursos como esse, utilizados pela criança em seus desenhos podem ser erroneamente interpretados como uma incapacidade desta de representar "o que vê". Ao contrário, o que a criança nos oferece, é uma possibilidade de perspectiva da qual muitas vezes esquecemos.

Sugere-se, portanto, aos profissionais que, de alguma forma são envolvidos em atividades de produção de imagens com ou para crianças, bem como na leitura de imagens, utilizarem-se de um amplo conhecimento do universo infantil, aprendendo não apenas sobre a criança, mas com ela e com suas imagens.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. 11. ed. São Paulo: Pioneira: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.
- BENJAMIM, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- BLAKE, Quentin. **Quentin Blake's ABC**. London: Red Fox, 2002.
- CHAUD, Benjamin. **O circo catástrofe**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.
- CHILD, Lauren. **I will not ever never eat a tomato**. London: Orchard Books, 2000.
- COX, Maureen. **Desenho da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil**. Porto: Ed. do Minho, 1969.
- ROBB, Jackie, STRINGLE, Berny. **A história da ameba**. São Paulo: Ática, 2004.
- ROBB, Jackie; STRINGLE, Berny. **A história do morcego**. São Paulo: Ática, 2003.
- THOMPSON, Colin. **Como viver para sempre**. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

Currículo resumido**Anelise Zimmermann**

Possui graduação em Programação Visual e em Publicidade e Propaganda (UFSM), Especialização em Marketing (UNIP) e Mestrado em Artes Visuais (UDESC), desenvolvendo estudos sobre a Ilustração de livros infantis. Participou do Curso Children's Book Illustration no Central Saint Martin College of Art (Inglaterra). Atua como professora no Curso de Design da UDESC.